

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE CARNAÚBA DOS DANTAS I: SABERES E FAZERES

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

Historiador e Especialista em Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo – UFRN

e-mail: heldermacedo@katatudo.com.br

Maria da Paz Medeiros Dantas

Historiadora e Especialista em História do Nordeste – UFRN

Maria de Fátima Lopes de Medeiros

Pedagoga e Especialista em Psicopedagogia – FIPE

Maria Isabel Dantas

Mestre e Doutoranda em Ciências Sociais – UFRN

Professora do CEFET-RN

e-mail: beldantas@cefetrn.br

Resumo

Apresenta os resultados do Projeto Cultural *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* – PRONAC 043906, coordenado por Helder Alexandre Medeiros de Macedo e com financiamento da PETROBRAS, através do Programa Petrobras Cultural, contando com apoio do Ministério da Cultura, Programa Nacional de Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Demonstra, aqui, as fichas de cadastro das manifestações do patrimônio cultural de ordem intangível, vinculadas ao eixo temático dos Saberes e Fazeres.

Palavras-chave

Seridó, Carnaúba dos Dantas, Patrimônio Imaterial

1. *Rezas e rezadeiras*

Caracterização

As rezas e simpatias são manifestações da cultura popular que ocorrem em dois lugares específicos: nas casas das rezadeiras e nas casas da população em geral que acreditam nesses rituais. Essas ocorrências são comuns na região do Seridó, sendo transmitidas por via oral, de geração a geração. No que diz respeito aos aspectos socioeconômicos, desenvolveu-se uma relação de escambo, isto é, de troca; sendo os rezadores “médicos da alma” nesta relação não há bens de capital em troca, como também não ocorre com as simpatias. É importante salientar que os rezadores são, eles mesmos, os responsáveis por essas práticas, que exercem em suas próprias residências, havendo uma estreita relação entre o sagrado e a natureza.

Histórico

As curas remetem à herança dos africanos, índios e mestiços que foram os grandes curandeiros da América Portuguesa, devido ao conhecimento que tinham das ervas e dos rituais específicos da sua cultura, associados ao acervo cultural e imaginário dos portugueses.

Dentre os vários rezadores falecidos do município de Carnaúba dos Dantas, citamos as Senhoras Maria da Conceição de Jesus, Maria Bezerra Cabral, Maria Sabina da Conceição (Mãe Negrinha), Emília Maria da Conceição e Ana Maria da Conceição (Ana Badu). Além dos Senhores Antônio José de Maria, Antônio Matias Fernandes, Antônio Francisco de Azevêdo, Aristides Araújo de Macêdo, José Romualdo da Silva (Zé Gato), Francisco Paulo Dantas (Chico Murrinha) e Antônio Martiniano Dantas (Tonho).

Esses rezadores, mesmo sendo católicos fervorosos, desenvolveram práticas que não condiziam com os preceitos religiosos do Catolicismo, como as benzeduras; pois muitos procuravam os recursos dos rezadores para os mais diferentes males, tendo em vista que a fé e a oração fazem parte da ideologia vigente da Igreja Católica. No passado, essa prática disseminada desde o Brasil Colonial era mais freqüente, devido às precárias condições da medicina, dos meios de transporte e comunicação. No entanto, atualmente, as rezas ainda ocupam lugar de destaque nas tradições religiosas do Seridó. Leigos e até mesmo sacerdotes, conforme os rezadores pesquisados recorrem ao auxílio desses “médicos da alma” para a cura dos seus males.

Descrição

A manifestação das rezas desenvolvem-se nas seguintes fases/etapas, a saber: a constatação do mal; a procura do rezador; a cura, na qual ocorre a interação entre o mundo natural e o sobrenatural, mediado pelo humano e a recuperação. Os “benzedores” fazem suas curas associando práticas místicas da religião católica, magia e conhecimentos da medicina popular. Entre os séculos XVI e XVIII, devido a essas práticas dos saberes advindos da religião católica e do paganismo terem sido utilizadas juntas, “os rezadores foram perseguidos, oprimidos, punidos, rejeitados, e alguns condenados e a serem lançados ainda vivos nas fogueiras do Santo Ofício da Inquisição da Igreja Católica”¹

Os “rezadores” no Seridó, especificamente em Carnaúba dos Dantas, numa estreita relação entre o sagrado e a natureza, costumam utilizar, entre outros, instrumentos de trabalho para realizar as curas: ramos verdes, rosário, sal, água

¹ SILVA, 2002.

benta, cordão e nomes dos Santos. Esses rituais, nos quais não são utilizadas roupas específicas e nem bens de capital, assemelham-se aos praticados há mais de 400 anos pelos curandeiros coloniais. São os “cientistas” populares que com “palavras mágicas”, curam as pessoas que crêem no poder da oração, muitas delas em versos, usando alguns resquícios desse passado, como é o caso da oração para combater “quebranto e mau-olhado” usada por Dona Angélica: “Fulano, com dois te botaram,/ Com cinco te tiro./ Com o poder de Deus, do Divino Espírito Santo e a chave do Sacrário eu rezo./ Com a chave do Sacrário eu curo./ Com o poder de Deus Pai, com o poder de Deus Filho e com o poder do Espírito Santo”. A seguir reza-se um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, a Salve Rainha e faz-se o oferecimento.

Há também vários rezadores carnaubenses que ainda exercem a arte da cura. Obtivemos informações sobre as senhoras Angélica Maria dos Santos (Dona Angélica), Terezinha de Araújo (Tereza de Monteiro), Josefa Maria dos Santos (Zefa Simôa) e Maria das Graças Xavier de Sousa (Graça Xavier). E sobre os senhores Francisco Martiniano Dantas (Chico de Tonho), Francisco Calixto Filho (Chico Calixto), Edgar Xavier de Sousa (Seu Edgar), Severino Antônio dos Santos (Seu Nova) e Francisco de Assis Dantas (Diá). Esses rezadores, em geral, são pessoas capazes de realizar diversas curas tanto em pessoas como em animais e até mesmo para combater as pragas das lavouras, apagar incêndios, banir tempestades, além de rezar para que apareçam objetos, dinheiro, animais e pessoas perdidos.

Também é importante ressaltar que esses “rezadores” costumam fazer suas curas, dependendo da gravidade do problema, em particular ou em público. Quando a oração é muito “forte”, eles fazem em voz baixa e em particular. Na hora da cura, comumente, utilizam um ramo para fazer os benzimentos, fazem o sinal da cruz diante da pessoa que está se curando e em determinados momentos de profunda concentração fecham os olhos. Dos nove rezadores pesquisados que atualmente

exercem a prática da cura no município de Carnaúba dos Dantas, elegemos duas por serem bastante representativas e procuradas.

Dona Angélica: “Comecei a rezar desde criança”

Angélica Maria dos Santos, conhecida como Dona Angélica, nasceu no município de Arara-PB, aos 09 de abril de 1909. Durante sua infância e adolescência viveu na zona rural de Remígio-PB, onde ajudava aos seus pais – Pedro José dos Santos e Joaquina Maria do Espírito Santo – na agricultura. Ainda residindo no “Brejo”, começou a observar as sessões de curas realizadas por sua avó, iniciando, assim, aos 9 anos, seu interesse pelo tratamento através da oração.



1 Dona Angélica (2005). Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do Projeto PRONAC 043906

Aos 20 anos, já residindo em Carnaúba dos Dantas, certo dia foi se confessar com Frei Damião e, conforme declarou ela, revelou-lhe que praticava a arte da cura através da reza e o frade respondeu que a mesma jamais deixasse de rezar as pessoas. Dona Angélica não recorda o ano que veio morar em Carnaúba dos Dantas, tendo afirmado que inicialmente morou no Sítio Melado com seus pais, casou-se e teve oito filhos, sendo cinco homens e três mulheres.

Com o decorrer dos anos, separada de seu cônjuge (Seu José de Branca), a situação econômica da família ficou muito difícil. Teve que trabalhar juntamente com seus filhos para criá-los. Além das atividades domésticas, dentre outras, trabalhou na agricultura, na garimpagem e na carvoaria. Mesmo assim, levando uma vida tão árdua, não deixou de se preocupar com a educação escolar de seus filhos. Há vários anos reside na zona urbana do município carnaubense e em sua explanação, Dona Angélica afirmou que reza sem fins lucrativos. Atualmente, em voz alta, reza usando ramos verdes, cordão, sal e nomes dos santos conforme a doença, como Santo Antônio e São José. Sendo ela procurada em sua residência por crianças, jovens, adultos e religiosos.

Percebemos que Dona Angélica, hoje aos 96 anos de idade, ainda mantêm-se lúcida, com a capacidade de recordar e relatar fatos da história local, bem como sentindo o interesse de transmitir os seus ensinamentos às gerações do presente/futuro revelando-nos outras orações e rituais que ministra. É o caso da oração para “espinhela caída ou peito aberto, campainha caída, vento caído, defender do mal e bicheira”. Abaixo listamos algumas das orações utilizadas por Dona Angélica.

✎ Espinhela caída ou peito aberto: “Quando Jesus Cristo no mundo andou/ Três mal Ele curou/ Arca emborcada e peitos abertos/ Espinhela caída Jesus levantou”. Para realizar essa cura, primeiro mede-se o antebraço, na altura do dedo mínimo até o cotovelo, a seguir dobra essa medida e envolve a parte inferior do busto. Se a medida ficar sobrando, é porque a pessoa está com o “peito aberto”.

✎ Campainha caída: “Maria foi Deus quem te fez,/ Foi Deus quem te criou./ Com dois te botaram,/ Com cinco te tiro./ Com o poder de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo,/ Garganta e campainha, eu rezei./ Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Este mal é detectado quando a pessoa apresenta freqüente tosse.

✎ Vento caído: “Dor abrando a tua ira e quebro as tuas forças. / Assim como Judas vendeu Cristo que é Nosso Senhor Jesus, / Por esse mundo andou. / Olhado e vento caído, Jesus curou”.

✎ Defesa do mal: “Com Deus me deito/ Com Deus me levanto/ Com a graça de Deus/ E do divino Espírito Santo. / Senhora do Pranto, te cubra com a ponta do vosso manto. / Nem tenha medo e nem tenha pavor. / Catorze anjos te acompanha, / Dois do lado direito, dois do lado esquerdo, dois nos pés, dois na cabeça. / Deus te cubra com a ponta do vosso manto, Amém”.

✎ Bicheira: “Mal que tanto comece/ E a Deus nos louva-se/ Mercúrio e doce no ramo tomais. / Com Deus, Divino Espírito Santo, cura-se”.

Tereza de Monteiro: “A cura é um dom de Deus”

Terezinha de Araújo, conhecida por Tereza de Monteiro ou de Branco, nasceu em Carnaúba dos Dantas, aos 27 de fevereiro de 1932. Casou-se em 1955 com o garimpeiro e ex-jogador de futebol, Severino Monteiro de Azevêdo com o qual teve

quinze filhos, criando apenas cinco, sendo três homens e duas mulheres. Monteiro – como era conhecido seu marido, faleceu aos 15 de fevereiro de 2005.

Há mais de 30 anos começou a curar, tornando-se adepta do trabalho que seus familiares já faziam: rezar. Conforme nos afirmou, o que motivou a essa prática foi a observação de sua mãe, que também rezava. Além das curas na sua residência, realiza sessões à distância, através do telefone.

A questão de não receber dinheiro após as sessões de cura já foi abordada quando falamos da rezadeira Dona Angélica, opinião compartilhada por outros rezadores do município de Carnaúba dos Dantas. Dona Tereza acrescentou: “Não cobro pagamento em dinheiro porque quando Jesus saiu no mundo foi para ajudar as pessoas e não vender as palavras de Deus”. No decorrer de seu relato ela nos revelou que também enfrentou muitas dificuldades, juntamente com o seu esposo, para criar os filhos. Que trabalhou como doméstica, lavadeira, engomadeira e amortalhadora de defuntos. Também ressaltou as suas virtudes de mulher caridosa para com os doentes e os mais necessitados.



2 Dona Tereza de Monteiro. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do Projeto PRONAC 043906

Mediante os depoimentos de Dona Angélica e de Dona Tereza de Monteiro, podemos perceber que ambas não acreditam no enfraquecimento da oração se esta for passada para outra pessoa ou se for passada para pessoa do mesmo sexo.

Um fato comum aos rezadores do município carnaubense é a ligação das rezas com o catolicismo, pois durante as orações de curas invocam a Santíssima Trindade e os Santos; fatos estes, também observados na América portuguesa. Outro é que nas residências dos rezadores existem imagens na parede da sala ou do quarto, e ainda, esculturas de santos.

Com relação aos procedimentos, é comum entre os rezadores a exigência da postura quanto a não cruzar pés ou mãos quando em sessão de cura a fim de não invalidar a oração. Outrossim, alguns rezadores somente fazem suas benzeduras no mesmo horário: “manhã, depois do sol sair e à tarde antes do sol se pôr”.

Enfim, fé, oração e cura são três elementos indispensáveis aos que buscam as práticas rituais exercidas por esses “médicos populares” seridoenses, mais precisamente carnaubenses, que com amor ao próximo e desprezo ao lucro capitalista resistem com autenticidade à cultura dominante ou oficial.

Intervenções

Conforme foi mencionado anteriormente, ao longo do tempo as rezas e simpatias vêm sofrendo contínuas transformações decorrentes dos constantes avanços na tecnologia das comunicações, dos transportes e da medicina; porém constatamos que apesar de tudo muitos resquícios dessas práticas ainda permanecem no cotidiano, tendo em vista que o presente e o passado se entrelaçam, possibilitando às populações atuais a preservação desses costumes como forma de fortalecer as identidades regional e local.

Referências

DANTAS, Maria da Paz Medeiros. **Desvendando o viver nas fazendas dos Azevêdo:** Carnaúba dos Dantas – 1870/ 1940. Caicó, RN: 2001. 96p. Monografia (Especialização em História do Nordeste) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

Mídias

FOTOGRAFIA de Angélica Maria dos Santos, Terezinha de Araújo e Edgar Xavier de Souza. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* - PRONAC 043906.

2. *Ofício de fazer telhas e tijolos*

Caracterização

Os fazeres imateriais presentes na cultura do povo carnaubense estão representados também através do ofício de fabricação das telhas e tijolos produzidos nas indústrias de cerâmica vermelha - popularmente chamadas de *cerâmicas*. A representatividade das peças feitas em barro engloba a linha utilitária e comercial que notadamente sustenta economicamente grande parte da população local. O ofício de fabricação das telhas e tijolos é também praticado nos municípios circunvizinhos e em outros estados, entretanto, é no município que essa prática vem crescendo avultadamente e ganhando terreno comercial.

Histórico

O fazer imaterial reside no ato de fazer as telhas e tijolos que revestiram e revestem nossos lares, representando o ramo da cerâmica utilitária e comercial produzida como meio de proteção e abrigo. Provavelmente datam do Período Colonial as primeiras olarias da região do Seridó. Evidência disto é que em consulta ao inventário do terceiro Tomás de Araújo Pereira, de 1847, constatou-se a existência, de um estoque de material de construção correspondente a duas mil telhas e seis mil tijolos, indicando, assim, a presença de olarias na Fazenda Mulungu (hoje, município

de Acari). Nessas antigas olarias o local ou jazida de onde o barro era retirado era chamado de *barreiro*, ficando este, geralmente, em local vizinho à água abundante. O material para fabricação das telhas e tijolos era molhado durante toda uma noite, sendo amassado sobre couros de boi. O barro era colocado em fôrmas próprias, as grades. No caso das telhas, depois de passar pela grade, o material era transferido para a forma definitiva. Feito isso, os tijolos e as telhas eram postos a secar no *lastro*, local firme e espaçoso. Em seguida as peças seriam conduzidas à *caieira*, onde seriam queimadas ou cremadas durante três dias. Sendo posteriormente guardadas em galpões ou telheiros das olarias, onde ficariam protegidas das chuvas.²



3 Etapa do processo produtivo da cerâmica. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do Projeto PRONAC 043906

² Conforme Olavo de Medeiros Filho, “Velhos Inventários do Seridó” (1983. p. 49).

O município de Carnaúba dos Dantas apresenta indícios de suas primeiras olarias com finalidade comercial em meados do século XX, mais precisamente na década de 1940. O precursor desse ofício foi o Sr. José Emídio de Medeiros Filho. A primeira olaria do município funcionava com apenas quatro funcionários, sendo um amassador – que amassava o barro; um batedor – que batia a telha e um lanceador – que dava forma à telha. Nesse período o próprio dono da olaria encarregava-se de espalhar as telhas no pátio para secar, e, *a posteriori* colocá-las no forno³.

Como o tempo não pára, chegamos aos anos de 1970. Nessa época, ainda se cultivava a produção manual das telhas e tijolos. Um dos grandes incentivadores nesse período - e dono de olaria - foi o Sr. Manuel Bernardo Dantas, conhecido popularmente como Manuel Azevêdo, que iniciou o que no futuro seria uma das maiores indústrias de cerâmica vermelha de Carnaúba dos Dantas. *A priori* o processo de produção e etapas de fabricação das telhas e tijolos manuais era bastante penoso. A lama, matéria-prima extraída para a fabricação das peças, era retirada dos açudes, locais esses que serviam como ponto de referência para a retirada do material. Todo o processo de retirada, preparo e fabricação das telhas e tijolos, era feito à mão.

³ Conforme Joélio Dantas de Medeiros, “Cerâmica: uma alternativa para melhoria de vida da população carnaubense” (p. 12).



4 Tijolos em indústria de cerâmica vermelha. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do Projeto PRONAC 043906

Nos dias atuais, as telhas e tijolos produzidos a partir da lama de açude, mantêm abertas doze cerâmicas no município de Carnaúba dos Dantas, empresas essas que alcançaram o seu ápice quando ganharam espaço e começaram a concorrer com as fábricas do município de Açu-RN, que, por sua vez, produzia telhas a partir do barro, matéria-prima mais pesada. Essa diferenciação entre a lama de açude e o barro oportunizou que o município de Carnaúba dos Dantas começasse a produzir em grande escala telhas mais leves e de fácil locomoção, tendo em vista que as encomendas são vendidas e transportadas em caminhões para a capital do Estado, Natal, como também para a Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Como falamos anteriormente, o município tem hoje doze cerâmicas em atividade. Dos empresários de cerâmicas citemos Joaquim Azevêdo, Macilon, Neném, Beto Matias, Chico de Queca, Pedão de Olau, Vanca de Olau, Genilson

Medeiros, Mororó e Zé da Olaria, alguns dos quais nasceram na terra e hoje são donos de indústrias de cerâmica vermelha em municípios vizinhos, como Cruzeta, Acari e Parelhas.

Descrição

Em consulta à pesquisa do geógrafo Valdenildo Pedro da Silva, evidenciou-se na teoria como é feito todo o processo industrial de produção das telhas e tijolos em Carnaúba dos Dantas nos dias de hoje. A princípio há uma extração da argila plástica, material de textura terrosa, que apresenta certa plasticidade quando misturado a uma determinada quantia de água. O barro vermelho, como é popularmente conhecido, é o material utilizado no processo de fabricação das peças cerâmicas, que através das ações de alimentação de máquinas unificam e modelam as telhas e tijolos, finalizando com a queima das mesmas.

Nos dias atuais, o processo de produção é realizado de maneira semi-automática. As etapas de produção das telhas e tijolos evidenciam a evolução das máquinas, indo desde a inserção da enchedeira - que serve para retirar a lama do açude e colocar dentro do caçambão, caminhão que transporta a matéria-prima até a fábrica - até a utilização do caixão alimentador, do destorroador, do misturador, do laminador, da maromba e da cortadeira manual ou automática, aparatos tecnológicos que viabilizam a eficácia de produção da cerâmica vermelha. Quanto ao processo de alimentação dos fornos, a lenha constitui-se como elemento combustível na queima do produto.

Comparando o processo manual com o industrial, evidencia-se uma evolução no ofício de fabricação das telhas e tijolos no município. Associado a esse processo contínuo de transformação, citemos um trecho da narrativa de Manoel Azevedo com relação às modificações ocorridas ao longo dos anos de 1970 a 2005,

Antigamente eu precisava de 200 trabalhadores para produzir uma pequena quantidade de telhas (...) A cerâmica hoje beneficia mais o povo, mesmo que eu trabalho com menos gente, hoje melhorou muito. Hoje, diretamente e indiretamente eu só luto com 100 pessoas, só que a produção é muito maior. A cerâmica hoje beneficia o dono da terra, quem tem um caminhão velho, quem tem um caminhão novo, o supermercado, o posto de gasolina, o Estado, todo mundo é beneficiado (...) Quem teve coragem de insistir hoje tá contando história. As cerâmicas daqui são mais organizadas, o povo que mais trabalha são o povo de Carnaúba (...) As condições daqui é diferente demais das de fora.⁴

Com relação ao transporte dos funcionários contatamos que a locomoção dos mesmos é, na maioria das vezes, delegada ao dono da cerâmica - isso se o local de instalação for afastado da cidade. No caso da cerâmica se encontrar em locais próximos a cidade, o transporte dos trabalhadores se dá por meio de bicicletas, motos ou até mesmo a pé.

O comércio local é o grande beneficiado com as cerâmicas. Além de gerar emprego e renda para aqueles que nelas trabalham, sustentam de forma indireta os postos de gasolina, os supermercados, os comércios de roupas, a feira livre e grande parte do comércio carnaubense. Quanto aos recursos financeiros utilizados para dar sustentabilidade a essas empresas, contatou-se que são de origem particular, não havendo nenhuma ajuda governamental ou de outra natureza que incentive a fabricação da cerâmica vermelha no município.

Por tudo que foi descrito torna-se inegável a importância comercial do pólo cerâmico no município de Carnaúba dos Dantas. Essa atividade gera renda e sustenta inúmeras famílias. Imaginemos quantas casas e prédios públicos já foram edificados e cobertos com o produto do ofício da cerâmica utilitária, trabalho esse repassado por gerações.

⁴ Depoimento concedido por Manuel Bernardo Dantas, residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 26 de jun. 2005.

Intervenções

Com a evolução das máquinas, as indústrias de cerâmica vermelha do município de Carnaúba dos Dantas tendem a diminuir a quantidade de operários, ocasionando um conseqüente índice de desemprego. Registrarmos o ofício de fazer telhas e tijolos é algo necessário para o município de Carnaúba dos Dantas, tendo em vista que essa atividade é sem sombra de dúvida o pilar de sustentabilidade econômica da maioria dos carnaubenses. Caso venha a acontecer, o desaparecimento das cerâmicas poderá ocasionar uma desestruturação econômica de proporções gigantescas.

Referências

MEDEIROS, Joélio Dantas de. **Cerâmica**: uma alternância para melhoria de vida da população carnaubense. Patos: 1999. 12 p. Monografia (Graduação em Ciências Econômica) – Fundação Francisco Mascarenhas, Faculdade de Ciências Econômicas de Patos. Patos.

SILVA, Valdenildo Pedro da. **Das trilhas do gado ao território da cerâmica vermelha**: (Des) territorialidade em Carnaúba dos Dantas-RN. Recife: 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco.

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

Mídias

FOTOGRAFIAS do processo produtivo da indústria de cerâmica vermelha. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

3. Bordado À Mão

Caracterização

A atividade de bordado a mão desenvolvida no município de Carnaúba dos Dantas pode ser compreendida como um trabalho artesanal feito em relevo, sobre um pano liso, utilizando bastidor, agulha e linha de diversas cores. A folclorista Nilza Megale⁵ admite que o bordado a mão é uma prática muito antiga, sendo ela herança das mulheres dos colonizadores portugueses. Esse ofício é comumente exercido por mulheres, que, na maioria das vezes, praticam a arte de bordar por distração, passatempo, e/ou fonte de lucro. No que concerne ao bordado à mão carnaubense, o mesmo apresenta, em parte, características semelhantes às práticas do passado, exercendo a mesma funcionalidade de antigamente. Dentre outras funções ele é utilizado em enxovais de casamento, toalhas, roupas de recém-nascidos e lençóis de cama.

Histórico

A prática de bordado a mão é uma referência bastante presente no município tratado. As formas tramadas sobre bases colocadas em moldes de papel, remetem à

⁵ Conforme Nilza Botelho Megale, "Folclore Brasileiro".(2000. p. 123)

beleza de uma arte que ainda não foi concluída. Os pontos e os trançados sobre o tecido enriquecem e embelezam as muitas peças utilitárias que vestimos, enxugamos os pratos, agasalhamos os recém-nascidos, cobrimos as camas e mesas e nos enxugamos após o banho.

No passado essa atividade era obrigatória para as moças que pretendiam casar. De início, era feito à mão e usado como tarefa obrigatória das moças casadouras, funcionando também como uma atividade que servia para passar o tempo e distrair as mulheres.

Em consulta ao trabalho de Jaci Almeida⁶, constatou-se que a maior parte da região do Seridó cultivava a arte de bordar. Esse espaço que durante anos teve predominância, na economia, da pecuária e do cultivo do algodão, vem se destacando amplamente pelo seu artesanato, especialmente o bordado. Essa arte, como descrevemos anteriormente, foi introduzida no Seridó pelas mulheres dos europeus e luso-brasileiros que se fixaram na região. Tal prática pode ser compreendida como uma continuidade do bordado característico da Ilha da Madeira (Portugal), no qual, para a elaboração, utilizavam um tipo de linha do mesmo nome.

⁶ ALMEIDA, Jaci. Bordado Artesanal do Seridó. *Galante*, n. 22, mar. 2001. Natal: Fundação Hélio Galvão.



5 Bordado de Dona Terezinha Lucas. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do Projeto PRONAC 043906

No passado, presumia-se que para uma moça arranjar um casamento era necessário bordar o enxoval antes do casório. Essa atividade, *a priori*, era desempenhada principalmente por mulheres da classe privilegiada, visto que essas tinham condições de comprar o material necessário para os trabalhos. Os utensílios comumente utilizados eram os bastidores, linha de meada, agulha especial, furador de osso, tesoura pequena de ponta curva e o risco ou desenho. A condição social dessas mulheres ocasionou que por volta da década de 1930 somente um pequeno número de pessoas praticasse esse ofício, tendo em vista que o mesmo era voltado exclusivamente para a decoração do lar.

Com o passar do tempo, a arte de bordado foi se popularizando. Hoje são várias as cidades do Rio Grande do Norte que cultivam essa arte. No Seridó, segundo o estudo de Jaci Almeida, temos Jardim do Seridó, São José do Seridó, São Fernando,

São José do Sabugi, Jucurutu, Jadim de Piranhas, Acari, Carnaúba dos Dantas, Serra Negra do Norte e Caicó.

Descrição

Em Carnaúba dos Dantas o bordado à mão é uma prática exercida e disseminada, dentre outras, através da pessoa de Joana d'Arc Cândido, que exerce o ofício há aproximadamente trinta anos. No município outras mulheres também são conhecedoras do ofício. Citemos como exemplo Maria Oliveira Dantas (Marlene de Antônio Ageu), Maria de Fátima Dantas de Moura (filha de Marlene de Antônio Ageu), Terezinha Azevêdo Lucas (Terezinha Lucas), Maria José Dantas (Didé) e Lindalva Cândido de Medeiros (Lindalva de Atenildo). Dona Joana aprendeu a arte de bordar com sua mãe, Dona Ana Maria da Conceição, conhecida como Dona Aniceta, que era descendente de índia. Embora analfabeta, Dona Aniceta tinha a dedicação para a arte, bem como a paciência para ensinar a filha.



6 Dona Joana d'Arc Cândido (anos 90) expondo seus bordados na Feira Internacional de Santiago, Chile. Acervo particular.

Essa atividade exige muitas horas de serviço e dedicação. A riqueza de detalhes, a diversificação dos pontos e as tramas - que pouco a pouco se transformam em flores, folhas, laços, animais e nomes - entrelaçadas às mais diferentes formas, enriquecem, embelezam e decoram sutilmente os jogos de cama, mesa, banho e vestuário dos carnaubenses. Infelizmente a lucratividade e a comercialização das peças bordadas no município de Carnaúba dos Dantas não representam um referencial de estímulo para aquelas que pretendem tomar o bordado como profissão. O preço que se cobra por cada peça não equivale ao trabalho gasto na elaboração do produto. Sendo assim, o ofício de bordadeira no município, infelizmente, é pouco valorizado economicamente, tendo em vista, também, a não

disseminação do fazer no ato de bordar. Em contraposição, se o lucro não é muito e os ensinamentos não são repassados, pelo menos a prática do bordado à mão vem sendo divulgada constantemente pela mídia. Foi através dos bordados de Caicó-RN que a fama das bordadeiras do Seridó se espalhou para outras cidades, estados e até no exterior.



7 Bordado de Dona Aurisci Medeiros. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do Projeto PRONAC 043906

Para se ter uma idéia, a Universidade Católica do Chile já demonstrou interesse em divulgar o bordado carnaubense representado pela pessoa de Dona Joana d’Arc Cândido, bordadeira de mão cheia que tem em seu currículo prático a satisfação de ter idealizado muitas peças utilitárias que vão desde o bordado de lençóis, toalhas de banho, viras de berço, camisolas, blusas e outros utensílios para o

enxoval de bebês. A narrativa expressa por Dona Joana expressa a sua paixão em exercer o ofício, como ela mesma declara:

Quando estou bordado, eu estou criando... se um dia eu chegar a não enxergar mais como eu vou fazer, porque eu adoro o que faço. Eu faço os ricos, as cores mesmo sou eu quem dó, faz de conta que eu estou pintando(...)quando eu termino eu contemplo e vejo que é se como eu tivesse pintado, faço com tanto carinho e procuro aperfeiçoar mais e mais, para aquilo ficar mais bem feito⁷.

Dentre os muitos pontos utilizados para entrelaçar as tramas do bordado citemos o ponto cipó, o ponto de laçada, o ponto nó, o ponto matiz, o ponto rococó, o ponto caseado, o ponto contado, o ponto cheio e o ponto escama-de-peixe. O material utilizado não é caro, sendo necessário algumas meadas de linhas de cores variadas, os bastidores, a tesoura pequena de ponta, a agulha pequena e um pano liso para bordar. As etapas vão desde o risco dos desenhos no tecido até a escolha dos pontos e combinação das cores, além é claro da criatividade, fator crucial na elaboração das peças. Com relação aos recursos iconográficos, constata-se que não é prática comum entre as bordadeiras o registro visual de suas peças. Frente ao descrito, compreende-se a importância da difusão da cultura imaterial, em especial a que se refere ao bordado à mão praticado em Carnaúba dos Dantas.

Bens Relacionados

Renda; fuxico; crivo; matame; colchas de retalho.

Intervenções

⁷ Depoimento concedido Joana d'Arc Cândido (Joana de Toinho de Nozinho), bordadeira residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 29 de mai. 2005.

Com a expansão da industrialização, resultante do Capitalismo, surgem as máquinas que produzem habilmente e em curto espaço de tempo os bordados, sem “perder” as características artesanais. Começa-se a praticar o chamado bordado semi-artesanal que *a priori* era feito na máquina de costura e *a posteriori* na máquina elétrica. Nesse sentido e sem desmerecer o advento do progresso e da tecnologia, é notório que nada se compara à beleza conservada na confecção da prática artesanal. Nesse sentido, e sem desmerecer o advento do progresso e da tecnologia, é notório que nada se compara à beleza conservada na confecção da prática artesanal.

Referências

ALMEIDA, Jaci. Bordado Artesanal do Seridó. **Galante**, n. 22, mar. 2001. Natal: Fundação Hélio Galvão, 2001.

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

PIMENTEL, Eliade. Feira de artesanato atrai consumidor. **Tribuna do Norte**. Natal, 29 de jul. 2001. Acervo Particular de Joana D’Arc Cândido.

Mídias

FOTOGRAFIA de bordadeiras e de peças de bordado. Arquivo da Associação Desidéria Dantas Pedrosa e do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

4. Mamulengos de Dadi

Caracterização

O município de Carnaúba dos Dantas abriga um grande número de artistas que se destacam nas mais diferentes categorias. Sendo um celeiro de artistas - usando palavras do artista Dedé Carnaúba - o lugar apresenta uma diversidade cultural que envolve o teatro, a pintura, a escultura, a poesia e a fabricação de mamulengos. Essa última é uma arte bastante singular, pois expressa uma mistura de sentimentos que se concretizam a partir do nascimento dos bonecos, seus batizados, a confecção de suas vestimentas, as brincadeiras e os risos que eles provocam depois de prontos. A arte e confecção de mamulengos estão intrinsecamente presentes no contexto local quando falamos da pessoa de Maria Iêda da Silva Medeiros, conhecida como Dona Dadi. Essa arte, por sua vez, representa grande significação, fator esse ocasionado pela escassez de indícios, nas outras cidades do Seridó, dessa prática cultural. Os recursos socioeconômicos, culturais e geográficos necessários à fabricação dos mamulengos saem da natureza, da vontade de cultivar essa tradição bem como dos pequenos ateliês instalados nas casas das pessoas apreciadoras dessa arte.

Histórico

Segundo a folclorista Nilza Megale⁸, mamulengo é uma espécie de divertimento popular que consiste em representações dramáticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco ligeiramente elevado. Em sua obra a autora ainda menciona que por detrás do pano esconde-se uma ou duas pessoas adestradas, fazendo com que os bonecos se exibam com movimento e fala.

⁸ Conforme Nilza Botelho Megale, "Folclore Brasileiro" (2000. p. 61)



8 Dadi e seus bonecos. Acervo particular.

A presença de fantoches é assinalada desde a mais remota Antigüidade. Alguns estudiosos afirmam que eles tenham se originado na Índia, outros asseguram serem oriundos do Egito, onde foram encontrados bonecos de ouro, marfim e barro.

Neste sentido o que se sabe ao certo é que pouco a pouco essa arte foi sendo introduzida nas celebrações religiosas, educativas e até nas festas profanas, provocando em sua maioria a sensação de descontração e por vezes risos.

Em Carnaúba dos Dantas constatamos a presença de uma artista nata, pessoa essa que faz uso do imaginário e da criatividade para criar bonecos grandes, pequenos e de médio porte que alegram pessoas das mais variadas faixas etárias. Essa arte é praticada pela autodidata Maria Iêda da Silva Medeiros, que todos conhecem como Dona Dadi. A mesma começou a produzir mamulengos quando tinha cinqüenta anos de idade. O ofício produzido pela artesã remete

minuciosamente às fisionomias humanas, que são esteticamente decoradas com vestidos e outros acessórios.

Até o momento não registramos indícios de outras mulheres no Rio Grande do Norte que sejam fazedoras de bonecos, talvez pelo fato desse universo - o da produção do boneco e da sua apresentação - alojar um público tradicionalmente masculino. Dadi, nesse sentido, destaca-se no cenário estadual pela singularidade de sua arte. Os bonecos produzidos por ela vêm, ao longo dos anos, recebendo incentivo e reconhecimento por parte do Museu Câmara Cascudo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Evidência disso é que brevemente será lançado um álbum demonstrativo da arte e com a biografia da artesã, intitulado *A face feminina do teatro de bonecos*, de autoria de Maria das Graças Cavalcanti Pereira e de Wani Fernandes - livro que contará a trajetória da bonequeira e suas criações.



9 Dadi e seus bonecos. Acervo particular.

Descrição

As etapas de construção dos bonecos seguem um ritual que se inicia quando é retirado um pedaço de madeira e em seguida vai se moldando e fazendo a cabeça do boneco. Após isso, faz-se três furos, um para colocar um dedo na cabeça e os outros dois dedos nos braços. A confecção do vestuário e os nomes dos bonecos também são frutos da inventividade e criatividade da mamulengueira. Prontos, os bonecos parecem criar vida. Interessante notar como um simples pedaço de madeira, *a priori* matéria inanimada, pode promover a alegria e descontração dos admiradores da arte

produzida com madeiras como o pau de mulungu. A próxima etapa após a confecção do boneco e de sua indumentária é a apresentação - conhecida, no Sertão do Seridó, como *João Redondo*, onde a mamulengueira põe-se atrás de uma cortina e dedilha histórias de trancoso, causos, brincadeiras e cenas engraçadas através de seus personagens e de suas tramas cotidianas, muitas delas ligadas ao lugar onde se faz a exposição.

A produção dos bonecos não oferece renda suficiente à sobrevivência. O que move o mamulengueiro é o prazer em construir, usar e abusar da criatividade, ver nascer os personagens, batizá-los, vesti-los, contar as histórias, enfim, reviver uma arte que para muitos parece estar morta. A população carnaubense pouco valoriza a arte e confecção dos bonecos, sendo pessoas vindas de outros lugares as responsáveis pela valorização e divulgação dos trabalhos de Dona Dadi. É o caso de Wani Fernandes Pereira e Maria das Graças Pereira, pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que estudam e registram há algum tempo a descoberta da calungueira e fazedora de bonecos. Dos dados coletados no trabalho dessas pesquisadoras será lançado um portfólio que contará uma breve história de vida e obra de Dadi.

Neste sentido, falar sobre os mamulengos nos dias atuais, tendo em vista a infinidade de brinquedos eletrônicos no mercado é algo audacioso. Talvez para alguns os bonecos não apresentem tanta importância, entretanto, essa arte permanece viva, alegrando e revigorando a cada dia a cultura imaterial representada através das mãos e das vozes do mamulengo em Carnaúba dos Dantas.

Frente ao descrito compreende-se a importância da preservação dessa cultura, em especial a que concerne à arte e confecção dos bonecos. O inventário desse bem pressupõe o renascimento de uma arte pouco praticada, no entanto, significativa para a compreensão do imaginário, dos sonhos e das brincadeiras.

Bens Relacionados

Grupo Sertão Vivo, especialmente o artista José Jailton Dantas.

Intervenções

Com a evolução dos aparatos tecnológicos surgem no mercado os brinquedos eletroeletrônicos, que invadem as residências da população, materializando e alimentando o fetiche das crianças, jovens e adultos. A inserção dos brinquedos “inteligentes” tende a substituir as antigas práticas de construção de bonecos de madeira, de barro, de papelão ou de pano que comumente eram utilizados pelos carnaubenses no passado. Sem desmerecer o advento da mecânica e da tecnologia, sem dúvida nenhuma é necessário que aprendamos a valorizar a arte de mamulengos como expressão da cultura carnaubense.

Referências

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

PEREIRA, Maria das graças Cavalcanti ; FERNANDES, Wani. **Dadi, a face feminina do teatro de bonecos**. No prelo.

PORPINO, Gustavo. Carnaúba dos Dantas: terra do Monte do Galo e de grandes músicos. **Preá - Revista de Cultura**. Natal, Fundação José Augusto, ano II, n. 9, 2004, 59-68 p.

Mídias

FOTOGRAFIA de Dadi e sua boneca Lindalva; Dadi com Raul Calungueiro, apresentando Lili e o negro Baltazar; Dadi e Raul Calungueiro; Dadi e suas bonecas. Acervo Particular de Maria Iêda da Silva Medeiros. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte* - PRONAC 043906.

5. Modo de Preparo do Chouriço

Caracterização

O preparo do chouriço é uma prática recorrente em quase toda a região do Seridó, estendendo-se a outros municípios e, que nos parece, ter sentido com a idéia da “família ampliada” portuguesa, vivenciada no Sertão da Capitania do Rio Grande a partir de sua ocupação e povoamento pelos brancos.

Assim como aconteceu na Europa e, em outras partes do mundo, no Brasil o porco tem desempenhado um papel fundamental na economia agropecuarista de muitas comunidades rurais. Sua carne, seu sangue e suas vísceras têm inspirado a invenção de comidas das mais simples às mais exóticas, além de ser um animal que pode servir de elo entre os indivíduos e as comunidades. No caso do Nordeste brasileiro, o chouriço, a carne assada ou torrada, o picado ou sarapatel (como também é chamado), a banha e as lingüiças são os produtos mais importantes.



10 Chouriçada na residência da Sra. Maria de Lourdes Silva (Lourdes de Antonio de Neco). Acervo particular.

Histórico

Em Carnaúba dos Dantas, a atividade de criação doméstica de porco continua sendo desenvolvida tanto no campo como na cidade, sendo feita em “chiqueiros”. Na zona rural eles são construídos nos quintais ou terreiros particulares. Esse animal passa por um processo de engorda que dura de oito a doze meses e somente é abatido quando está nas condições de agrado do marchante. A exigência atual é que o porco tenha mais carne e menos gordura, enquanto no passado, segundo alguns marchantes carnaubenses, a compra de um porco estava diretamente relacionada à espessura de seu toucinho.

Na maioria dos casos, a criação está sob a responsabilidade das mulheres e constitui-se numa fonte de renda para muitas famílias, chegando a garantir a

sobrevivência de muitos. Para Dona Maria de Fátima, criadora de porco há mais de trinta anos, criar um porco “ajuda muito, tira a gente do sufoco (...). Serve demais a pessoa, para comprar uma roupa para um filho, calçados. Dá trabalho, mas serve para tudo no mundo”¹

Também é importante ressaltar que a criação de porco é uma prática recorrente em quase toda a região do Seridó, estendendo-se a outros municípios. Entre os animais trazidos pelos portugueses e luso-brasileiros que colonizaram essa região estão os gados, porcos, cavalos, galinhas, ovelhas e bodes “Os porcos foram sempre objeto de importação porque o colonizador não dispensava sua participação nas festas ruidosas de comer – e – beber . (...). Em Portugal, o porco seria mesmo ‘comida de dó’ , aquela que pode ser ingerida nos primeiros dias de luto”.²

Descrição

No Seridó, a prática do chouriço remonta ao princípio da colonização da região, quando a sociedade era praticamente organizada em torno da trilogia gado, algodão e agricultura de subsistência. Com relação ao processo de fabrico do chouriço, após o porco ter passado por um processo de engorda, ele é abatido. Além do ato principal do abate, é o líquido rubro que perturba os homens, uma vez que ele remete à imagem da vida humana, o que contribui para a criação de tantas interdições e aversões ao sangue animal. Por mais paradoxal que nos pareça o animal que foi criado com tanto carinho um dia morrerá para fazer surgir a “vida”. É na sangria do animal que acontece a separação do sangue da carne, ou seja, do corpo e do sangue que será transformado em chouriço.

¹ Citada por DANTAS, 2002, 8 p.

² CASCUDO, 1967, 286–7 p.



11 Preparo do chouriço na residência da Sra. Maria de Lourdes Silva (Lourdes de Antonio de Neco). Acervo particular.

Servido em qualquer ocasião, o chouriço é uma combinação culinária de sangue e banha de porco, farinha de mandioca, especiarias (como a canela, erva-doce, cravo, pimenta-do-reino e gengibre) e água. A preparação desse doce, geralmente supervisionada por senhoras experientes na idade, envolve quase todos os integrantes da família, vizinhos e amigos. Realizada durante um dia inteiro, a chouriçada é um momento único durante o qual se trabalha e diverte-se muito. O dia todo é uma grande festa. As pessoas acordam de madrugada para pegar o porco e depois sacrificá-lo num ritual sangrento presenciado por todos que estão presentes.

O ritual de produção do chouriço é iniciado durante a semana e, porque não dizer, envolve dias e meses, vindo desde quando o porco foi engordado, colhidas as castanhas e arranjadas as latas (depósitos de leite industrializado ou de margarinas

vegetais usados) com vizinhos e parentes para a colocação do chouriço. São vários dias de envolvimento coletivo que culminam numa festa, regada à carne de porco assada e torrada, picado, cachaça, dança e muita conversa. Tudo isso enquanto o “sangue” se transforma em comida, em doce preto. Conforme afirma Moacy Cirne, “É o melhor doce do mundo”.³

A feitura do doce requer tempo e sabedoria, uma vez que seu cozimento é lento e gradual e chega a durar até oito horas, sem falar da mistura equilibrada de seus ingredientes. Segundo o Sr. Antônio Afonso de Azevêdo – conhecido por Tota Azevêdo, carnaubense de 83 anos, o preparo do chouriço é da seguinte forma:

Pega um tachão ... aí, bota a farinha de mandioca, peneirada. Tantas xícaras de farinha são tantas de rapadura. Aí, bota o sangue, peneira o sangue numa tela, bota dentro e mexe, bota a garapa peneirada das rapadura, aí bota a graxa derretida e bota no fogo... aí quando tá fervendo, aí bota primeiro os temperos com a castanha fininha, peneiradinha. Os temperos são muita canela com erva-doce, um pouquinho de cravo e gengibre que você bota para dar o gosto e uma pitadinha de sal para benzer o sangue, como dizia minha tia. Aí bota no fogo de trempe (feita com três pedras) durante quatro horas. Aí tá tudo pronto”.

Conforme declara Moacy Cirne na obra *A Invenção de Caicó*, “Pode-se considerá-lo no ponto se, ao ser colocada uma pequena porção num pires, não cair caso o mesmo seja virado”.⁴ O resultado final é um doce escuro, de consistência pastosa, podendo receber o acréscimo, como enfeite, de algumas castanhas de caju.

A fabricação do chouriço tem sido uma atividade marcadamente feminina, excetuando-se algumas atribuições e tarefas masculinas que são normalmente supervisionadas por senhoras de idades e experientes, como por exemplo, a mexida do tacho. A grande maioria das feitoras de chouriço nasceram, residiram ou ainda residem na zona rural; é dona de casa e é ou já foi criadora de porcos.

³ (2004, 131 p.).

⁴ 2004, 132 p.

A pesquisadora Maria Isabel Dantas já registrou mais de cinquenta nomes de mestras do chouriço entre aquelas que já deixaram sua marca no imaginário da população carnaubense (*in memorian*) e as que continuam desenvolvendo a atividade. Muitas delas aprenderam com suas mães ou com parentes a fazer o chouriço. As marcas de “sangue” e da sabedoria deixadas por essas e outras mestras, felizmente, ainda permanecem no imaginário carnaubense, e principalmente na memória daquelas que hoje, são responsáveis pela disseminação dessa herança cultural.

A produção e a *comensalidade* do chouriço constitui-se em um dos rituais de adesão social. Fabrica-se em Carnaúba dos Dantas o chouriço tanto para o consumo da família, parentes e amigos como para fins de comercialização.

Bens Relacionados

Tacho de fazer chouriço.

Intervenções

O chouriço, mesmo diante de visões adversas, ainda ocupa um lugar privilegiado nas práticas alimentares e festivas do povo carnaubense. Citemos o exemplo do doce preparado por Maria Goretti Santos e sua mãe, Dona Alzira Marta Dantas (Nenen), de 78 anos, que fabricam e vendem de porta em porta. Como parte do sistema alimentar carnaubense, a carne de porco e o sangue, mesmo sendo considerados alimentos perigosos, possuem uma força simbólica capaz de produzir a festa.

Referências

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela

PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

DANTAS, Maria Isabel. Do monte à rua: cenas da festa de Nossa Senhora das Vitórias. Natal: 2002. 206p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

PORPINO, Gustavo. Carnaúba dos Dantas: terra do Monte do Galo e de grandes músicos. Preá - Revista de Cultura. Natal, Fundação José Augusto, ano II, n. 9, 2004, 59-68 p.

Mídias

FOTOGRAFIA. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

VÍDEO em formato AVI de Maria Goretti Santos mexendo o tacho do chouriço. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*.

6. Esculturas de Dedé Carnaúba

Caracterização

Arte das mais antigas, a escultura apareceu entre as primeiras comunidades humanas. Citemos o exemplo de bisões esculpidos em osso datados do Paleolítico, dezenas de milhares de anos antes de nossa era, que povoam a maioria dos livros

didáticos de História. No começo, o homem esculpia nas próprias paredes de sua caverna, fazendo baixos relevos ou usando argila e osso. Com o passar do tempo, barro, madeira e pedra foram incorporados ao rol das matérias-primas, e novas técnicas foram sendo descobertas. Depois, chegou a vez dos metais e, em nossos dias, dos materiais plásticos. A prática da arte em esculturas é, portanto, um legado dos primórdios da humanidade. As primeiras obras-primas da escultura nasceram entre os fenícios, assírios, babilônios, persas e, principalmente, egípcios. Estes últimos demonstraram uma perfeição técnica e um refinamento de estilo jamais atingidos até então. E deixaram obras colossais como a Esfinge de Gizé, estátua talhada num monolito de pedra calcária, com 39 m de comprimento por 17 m de altura.

Em Carnaúba dos Dantas, o artista plástico José Francisco Filho – conhecido por Dedé Carnaúba ou Dedé de Ciça de Cassimiro - desenvolve visando fins lucrativos e a propagação do saber a arte da cerâmica figurativa, ou seja, reproduz esculturas em barro, madeira e papelão. Essa arte transmitida de geração a geração é comum no Seridó, porém falta investimento e incentivo tanto da própria população como dos órgãos governamentais.

Com relação à infra-estrutura para o desenvolvimento dessa arte também é um problema crítico, tendo em vista que Dedé Carnaúba não dispõe de um lugar específico para trabalhar e nem tampouco para expor as suas obras de arte. Atualmente o ateliê Sertão Vivo, em meio à algarobas do Horto Florestal de Carnaúba dos Dantas, é um celeiro de artistas. Dedé Carnaúba, 39 anos, coordena um “projeto de multiplicação de arte”, cujas atividades envolvem dezesseis crianças e quatro jovens artesãos, os quais vinculam sua arte à cultura e prática dos direitos humanos e da cidadania.



12 Dedé Carnaúba e discípulo no Ateliê Sertão Vivo. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906.

Histórico

Remetendo à região do Seridó, Dedé Carnaúba desde criança gosta de mexer com arte. Nascido em Carnaúba dos Dantas há 39 anos, seu primeiro emprego foi o de pintar carrinhos de madeira para o artesão Manoel Jerônimo, em Acari. Artista há oito anos, iniciou-se nas artes plásticas quando trabalhava em Natal-RN. De passagem pela Praça Padre João Maria, visualizou alguns artesãos que ali esculpam suas madeiras, o que fez despertar o gosto pela arte. “Comecei a praticar, senti vontade de fazer mais e mais, era como se eu já tivesse feito antes, porque não tinha mistério”. Explicando ele acrescenta: “O processo, por exemplo, da escultura em madeira, você tem que escolher uma boa madeira e tem duas maneiras de esculpir:

uma você tem pré-definido e a outra, enxergar na madeira alguma sugestão pelo formato ou tamanho dela.”⁹

Artista por natureza, Dedé já fez uma série de esculturas de argila retratando personagens e cenas do cotidiano. Em entrevista a Revista Preá o artesão afirmou que, dentre outros: “Fizemos vaqueiro, tropeiro, colonizador português, índio, Felinto Lúcio, fábricas de telha, extração de minério”. Tais esculturas são em sua maioria feitas de argila.

⁹ Conforme informação pessoal concedida por José Francisco Filho em 13 de maio 2005.



13 Escultura do Coronel Caetano Dantas Corrêa por Dedé Carnaúba. Crédito: Ginanny Dantas. Acervo do projeto PRONAC 043906.

Descrição

Os fazeres imateriais presentes na cultura do povo de Carnaúba são representados primordialmente através das cerâmicas figurativas, representações artísticas que apresentam formatos de animais, figuras humanas, soldados, violeiros,

galo, galinha, mulheres, homens, crianças entre outras peças que servem de enfeite para os lares, prédios públicos ou até mesmo servem de brinquedo para as crianças.

No município carnaubense a arte praticada com madeira se transforma em esculturas sob as mãos do já mencionado artista plástico Dedé Carnaúba. Além do barro, o artista ainda utiliza a madeira como fonte inesgotável para materialização do ideologismo artístico, utilizando o imaginário e a criatividade na produção de suas obras.

Os tipos de esculturas por ele produzidas tendem a evidenciar a linha figurativa e decorativa. Segundo Dedé Carnaúba os fazeres inerentes no processo de produção das peças de madeira funcionam da seguinte maneira:

O processo, a escultura, por exemplo, em madeira você tem que escolher uma boa madeira e tem duas maneiras de se esculpir: uma você tem pré-definido o que você quer esculpir, e na outra você muitas vezes vai enxergar na madeira alguma sugestão, porque você de repente pode pegar um bloco de madeira e, se você tá sem nenhuma idéia, mas tá precisando fazer ou tá querendo trabalhar, então a madeira pode te dá sugestão, assim um formato dela o tamanho dela.¹⁰

Apaixonado pela arte, Dedé Carnaúba trabalha com madeira, argila, cimento, ferro, pintura e não gosta de repetir a mesma peça quando se trata de escultura. Ela relata que “A escultura retira do material o que está fora da expressão enquanto a modelagem é o ato de tirar e botar a expressão do artista”¹¹. Divulgador e multiplicador da arte, Dedé Carnaúba eleva a auto-estima de muitos jovens carnaubenses, preenchendo-lhes o tempo ocioso. O trabalho de multiplicador que o artista vem desenvolvendo na localidade merece aplausos. Felizmente ainda

¹⁰ Depoimento concedido por Dedé de Cixa de Cassimiro (Dédé Carnaúba), artesã residente em Carnaúba dos Dantas, no dia 20 de mai. 2005.

¹¹ Conforme informação pessoal concedida por José Francisco Filho em 13 de maio 2005.

contamos com pessoas que buscam valorizar e disseminar os saberes e fazeres intrínsecos à cultura local.

Bens Relacionados

Ateliê Sertão Vivo, localizado no Horto Florestal; Grupo Sertão Vivo

Intervenções

Ao longo do tempo as esculturas vêm sofrendo transformações. Ao contrário dos gregos – que procuravam exprimir um padrão ideal de beleza humana -, os romanos, por exemplo, eram realistas e esculpam as pessoas tais como eram, mesmo com eventuais defeitos físicos. A escultura barroca, por sua vez, transportada para a América, adquiriu uma forma específica, combinando-se a estilos locais com a contribuição dos elementos da cultura nativa.

Em Carnaúba dos Dantas, o trabalho de Dedé Carnaúba sem dúvida exerce grande influência na formação cultural dos jovens, visto que o mesmo desempenha o papel de multiplicador da cultura imaterial presente na arte de construção das esculturas. Portanto torna-se imprescindível a preservação e o incentivo desse saber, especialmente por parte do Poder Público, como forma de fortalecimento da identidade cultural local.

Referências

CARNAÚBA DOS DANTAS. Prefeitura Municipal. Gerência Municipal de Turismo. Dedé: Carnaúba em Arte. Folder de exposição promovida na Praça Caetano Dantas em 2001.

CARNAÚBA DOS DANTAS: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906. Projeto financiado pela

PETROBRAS e ligado ao Ministério da Cultura. Banco de Dados contendo narrativas orais de moradores de Carnaúba dos Dantas transcritas e digitadas.

PORPINO, Gustavo. Carnaúba dos Dantas: terra do Monte do Galo e de grandes músicos. Preá - Revista de Cultura. Natal, Fundação José Augusto, ano II, n. 9, 2004, 59-68 p.

Mídias

FOTOGRAFIA. Arquivo do Projeto *Carnaúba dos Dantas: Inventário do Patrimônio Imaterial de uma Cidade do Sertão do Rio Grande do Norte - PRONAC 043906*. Acervo Particular de José Francisco Filho.